



# CONSERVAÇÃO E CIÊNCIA NO CERRADO

Roberto Brandão Cavalcanti

O cerrado ocupa cerca de um quarto do território nacional. Hoje, é a grande fronteira de expansão agrícola e de consolidação de infraestrutura, símbolo da tecnologia e da capacidade de empreendimento dos brasileiros. Ao lado dessas conquistas, o cerrado também simboliza um aspecto bem menos conhecido: está entre os 25 ecossistemas críticos (ou hotspots) do planeta, áreas de altíssima biodiversidade e extrema ameaça à sobrevivência de suas espécies nativas, avaliados pela organização Conservation International.

O sucesso da ocupação do cerrado e a rapidez com que isso aconteceu, a partir da década de 60, levaram a fatos dramáticos. Hoje, menos de 3% de sua superfície está protegida em unidades de conservação, e mais de 60% da região já foi profundamente modificada pela ocupação antrópica. Ao mesmo tempo, a pesquisa científica vem produzindo dados impressionantes sobre a riqueza e diversidade biológica do cerrado. A região de Brasília possui mais de cem espécies de aves, e o cerrado, como um todo, 837. Em comparação, Canadá e Estados Unidos, juntos, têm cerca de 700 espécies. Os dados para plantas são superlativos — dez mil espécies estimadas no cerrado, com 44% únicas na região. Ainda, calculam-se em mais de oitocentas as espécies de abelhas no cerrado, com um total de 503 presentes no DF.

Esse turbilhão de estatísticas captura apenas alguns dos dados coligidos para o workshop "Ações Prioritárias para a Conservação da Biodiversidade do Cerrado e Pantanal". Realizado por um consórcio entre Funatura, Conservation International, Fundação Biodiversitas e Universidade de Brasília, o projeto congregou mais de duzentos especialistas, sob os auspícios do Programa Nacional de Diversidade Biológica do Ministério do Meio Ambiente, com apoio do GEF/Banco Mundial e do MCT/CNPq. Ao final, foram identificadas 87 áreas prioritárias para proteção da biodiversidade, em sua maioria ainda desprovidas de unidade de conservação significativa.

Por que tanta preocupação com a conservação do cerrado? Em primeiro lugar, porque se trata de um ambiente único. O desaparecimento de espécies típicas do cerrado significa sua extinção no planeta. Além disso, o foco sobre a biodiversidade está intimamente ligado a dois aspectos do mundo moderno: o surgimento da biotecnologia como veículo para desenvolvimento de remédios, alimentos, processos industriais e novos produtos químicos, e o reconhecimento da importância dos chamados "serviços de ecossistema" para

manutenção do meio ambiente global. É nesse quadro que a pesquisa científica oferece a base para o desenvolvimento dos novos setores da economia.

Os investimentos passados em pesquisa permitiram a consolidação de equipes produtivas em instituições como a UnB e demais universidades do Centro-Oeste, em unidades da Embrapa, do IBGE e em entidades do DF e estados. Estudos de zoologia, botânica e ecologia descreveram novas espécies, elucidaram padrões de reprodução e dispersão de animais e plantas e identificaram métodos para realizar manejo e conservação das espécies silvestres. Formaram-se também excepcionais coleções científicas de flora, fauna e microorganismos, de maneira que estamos prontos para implementar um programa de desenvolvimento de produtos biotecnológicos usando a biodiversidade do cerrado como fonte. Infelizmente, essa janela de oportunidade corre sério risco, pois a ausência de recursos para pesquisa nos últimos dois anos paralisou e está em via de destruir equipes formadas ao longo de décadas de investimento. Pode parecer inócuo fazer apelos a conceitos de oportunidades históricas, mas não há dúvida que a biodiversidade do cerrado tem importância global e hoje é alvo de interesses de bioprospecção dos principais países do mundo.

As crescentes evidências de mudanças globais no clima têm ressaltado a importância dos ecossistemas naturais na manutenção dos ciclos de água, carbono e energia. As pesquisas de equipes da UnB e associados, sobre emissões e fixação de carbono, queimadas, ciclos hidrológicos e o papel das plantas do cerrado nesses processos têm permitido quantificar a contribuição desse ecossistema na manutenção do ambiente global. Tais dados são imprescindíveis para viabilizar processos de negociação nacionais e internacionais de grande escopo, como o Protocolo de Kyoto sobre emissões e fixação de carbono atmosférico, tendências futuras de clima e suprimento de água mecanismos de cobrança pela água e compensações para aqueles que preservam ecossistemas naturais, entre outros. Já assistimos a debates públicos sobre esses assuntos.

A infra-estrutura científica é crucial para a conservação do cerrado e para o desenvolvimento da sociedade em bases competitivas com o resto do mundo. Esse investimento e a preparação das novas estruturas econômicas baseadas na preservação e no uso da biodiversidade são prioridades.

■ Roberto Brandão Cavalcanti, PhD em Biologia, é vice-diretor do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade de Brasília